

ENTREVISTA

Marcia Martins / Divulgação



Prof. Dr. Marcia Martins de Oliveira

Marcia Martins de Oliveira é doutora em Ciência da Informação, professora titular do Colégio Pedro II (CPII), e docente do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica - CPII. Atualmente é Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II.

Pesquisar na Educação Básica: A experiência do Colégio Pedro II

Revista Com Censo (RCC) - Você considera que a escola é lugar de produção de conhecimento?

Marcia Martins de Oliveira - Sim, considero que todos os espaços de ensino e aprendizagem tem potencial para produzir conhecimento científico. No caso do Colégio Pedro II, especificamente, onde grande parte dos estudantes está na Educação Básica, as pesquisas não visam necessariamente à construção de novos conhecimentos científicos, mas de conhecimentos novos para os estudantes. Essa reconstrução própria dos conhecimentos já disponíveis na sociedade desperta a curiosidade, a atitude questionadora e propositiva, além da capacidade de problematização e intervenção na realidade. No momento atual, que muitos autores denominam de sociedade da informação e do conhecimento, novas demandas são apresentadas para a escola e a educação. Elas residem no desenvolvimento de competências amplas que permitem a tomada de decisões e o uso com fluência dos atuais meios e ferramentas de trabalho, assim como a aplicação criativa das tecnologias digitais de informação e comunicação. Espera-se que esse aluno egresso das Escolas de Educação Básica seja capaz de aprender a aprender a fim de que possam lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica da sociedade

RCC - O Colégio Pedro II (CPII) é uma instituição educacional bastante abrangente, atendendo desde a Educação Infantil até a Pós-graduação, e constituindo-se um Centro de Referência Nacional em Educação Básica. A Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PRO-PGPEC) possui como missão institucional contribuir para o fortalecimento conjunto da pesquisa, da pós-graduação e da extensão no CPII. O incentivo às atividades de pesquisa no CPII ocorre através de programas de apoio aos projetos pedagógicos e de pesquisa de professores e alunos, que ajudam a promover o desenvolvimento da capacidade investigativa, reflexiva e crítica de todos os envolvidos na construção desses saberes, bem como contribuem para o estabelecimento de uma cultura científica no âmbito da Educação Básica. Sendo assim, fale um pouco sobre o trabalho desenvolvido no CPII para articular ensino e pesquisa na Educação Básica.

Marcia Martins de Oliveira - Como primeiro passo para a estruturação de uma política interna de pesquisa foi composta a Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa, que teve como atividade inicial a construção do regimento interno da pesquisa no Colégio Pedro II.

Após a aprovação desse documento foram iniciadas atividades de apoio às atividades de pesquisa que envolveram: o mapeamento de coletivos de pesquisa (núcleos e grupos) em funcionamento e o estímulo à criação de novos; o apoio a projetos de pesquisa através da concessão de bolsas de iniciação científica júnior e taxas de bancada; a concessão de apoio para a realização de eventos técnico-científicos; a realização das Jornadas de Iniciação Científica Júnior do Colégio Pedro II, como evento de abertura da aula inaugural de cada ano letivo; a criação do Portal Espiral para abrigar as publicações eletrônicas do Colégio e a criação da Imperial Editora para publicação de livros com os resultados das atividades científicas do Colégio.

Essas ações são normatizadas por Chamadas Internas, que têm função semelhante a de um edital, mas seu público alvo é restrito à comunidade escolar. As Chamadas Internas atuam como uma política de indução, uma vez que divulgam amplamente os critérios adotados e permite aos servidores e alunos que não tenham ainda os pré-requisitos prepararem-se para chamadas futuras.

Ao longo do ano letivo são lançadas Chamadas Internas para: bolsas de iniciação científica júnior para alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental à terceira série do Ensino Médio; bolsas para alunos integrantes de equipes que participam de olimpíadas científicas; bolsas para equipes de Robótica; bolsas de iniciação científica para equipes de drones; taxa de bancada para professores responsáveis por projetos de iniciação científica júnior ou líderes de grupos de pesquisa e taxa de banca-mirim. Essa última Chamada Interna é voltada para o apoio a projetos científicos de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental envolvendo seus alunos.

A divulgação das informações constitui-se em forte aliado para a consolidação das ações de pesquisa no Colégio Pedro II. Por isso, os eventos contemplados em chamadas internas compõem a agenda de eventos do Colégio, que é divulgada em todos os Campi, no *web-site* e nas redes sociais do Colégio.

Os eventos constituem-se em um eficiente meio de socialização de conhecimentos e tiveram um público superior a 30.000 participantes de 2014 a 2019, registrado em listas de presença. Esse público é composto por alunos, servidores, estudantes de graduação e professores de outras redes e responsáveis de alunos.

A fim de proporcionar uma infraestrutura diferenciada para o desenvolvimento de projetos, o Colégio Pedro II investiu na formalização de Acordos de Cooperação com universidades e centros de pesquisa consolidados no Rio de Janeiro. Com isso, os estudantes da Educação Básica têm a oportunidade de envolver-se em projetos de pesquisa realizados em instituições como: o Arquivo Nacional, a Fiocruz (Fundação Osvaldo Cruz), o CBPF (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas), o Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais (antigo NCE-UFRJ), o Museu da República e o Museu Nacional.

Esse conjunto de ações tem permitido uma evolução sustentada das atividades de pesquisa do Colégio Pedro II, no tocante à Educação Básica.

RCC - Quando se pensa no papel da pesquisa em meio à educação básica, uma oposição que recorrentemente vem à tona é entre a pesquisa como princípio educativo e a pesquisa como princípio científico. Como você veria a importância da pesquisa como princípio educativo na formação e na atuação pedagógica de professores da educação básica? Você veria alguma distinção entre essa pesquisa da prática pedagógica e a pesquisa acadêmica em educação?

Marcia Martins de Oliveira - As duas dimensões da pesquisa não precisam necessariamente ser opostas. Na verdade, acredito que elas sejam complementares na Educação Básica. A pesquisa como princípio científico busca a construção técnica do conhecimento, ou seja, é um processo no qual o aluno articula a teoria e a prática, observando resultados, refletindo sobre eles, dialogando com a realidade e atuando sobre ela, a partir dos resultados obtidos. Na pesquisa como princípio educativo, a pesquisa funciona como um elemento articulador do currículo, como um caminho didático-investigativo por meio do qual a aprendizagem é orientada. Além disso, nessa dimensão a pesquisa contribui para a compreensão de que a aprendizagem é um processo natural e contínuo, que ocorre por reconstrução e revisão de conteúdo, porque o conhecimento está sempre mudando e sendo ampliado. Em algumas modalidades da Educação Básica, como a Educação Profissional e Tecnológica, em particular, adotar a pesquisa em qualquer das suas dimensões é estimular o aluno a aprender

a aprender. Essa competência é extremamente relevante no mundo profissional, dado o ritmo de evolução das técnicas e das tecnologias da sociedade contemporânea.

Em relação à distinção entre a pesquisa da prática pedagógica e a pesquisa acadêmica em educação, classicamente define-se que a primeira visa ao conhecimento e aperfeiçoamento da práxis docente e a segunda tem um compromisso com o avanço da teoria e o aumento do corpo de conhecimentos de uma determinada área com base na originalidade, na validade e na aceitação pela comunidade científica.

Até o início deste século havia uma divisão rígida entre esses dois tipos de pesquisa. Mais recentemente, os mestrados e doutorados profissionais nas áreas de Educação e Ensino têm promovido um desfronciamento entre a pesquisa acadêmica e a pesquisa da prática. Essa aproximação tem sido benéfica tanto para a escola básica quanto para a academia. Por um lado, valorizam-se os saberes daqueles que têm lugar de fala, porque atuam no “chão da escola”. Por outro lado, viabiliza-se uma interlocução mais efetiva entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Esse diálogo permite maior interatividade e aumenta a possibilidade de aplicação dos resultados de ambas as pesquisas em sala de aula.

O Mestrado em Práticas de Educação Básica oferecido pelo Colégio Pedro II tem nos permitido conferir essa dinâmica no cotidiano das escolas das redes públicas e privadas nas quais nossos mestrandos atuam.

RCC - Como você caracterizaria o perfil de um professor-pesquisador atuante na educação básica?

Marcia Martins de Oliveira - A preocupação em formar o professor-pesquisador tem crescido nas licenciaturas. Durante séculos, a escola e o professor - seu principal agente - tinham como função repassar às gerações mais novas os conhecimentos já existentes na sociedade. Com essa visão reducionista da escola e da atuação docente, o professor limitava-se a reproduzir conteúdos e práticas consagradas pelo uso.

Nas últimas décadas, com a evolução das tecnologias de informação e comunicação, digitais ou não, o ensino enciclopédico teve seu espaço reduzido em favor de aprendizagens significativas, que pudessem instrumentalizar os estudantes para a atuação social plena.

Essa mudança de objetivos da escola tem estimulado o professor a alterar o seu papel de mero locutor para produtor de conhecimentos em sua ação educativa. Inicialmente, a função do professor era fazer a transposição didática dos conhecimentos de sua área de formação para conteúdos de sua disciplina escolar. Nesse novo perfil, além da transposição didática, cabe a análise crítica sobre a validade e a pertinência dos conhecimentos já existentes. Isso porque sabemos que a narrativa dos fatos históricos reflete as relações de poder vigentes

à época. Por isso, as releituras são fundamentais para desvelar os mecanismos que constituíram os discursos de verdade que atravessaram os tempos e chegaram até os dias atuais.

Sob essa perspectiva, o professor-pesquisador na Educação Básica é aquele que toma a sua realidade como objeto de pesquisa, problematizando-a, analisando-a, criticando-a e compreendendo-a com o objetivo de aperfeiçoá-la sempre que necessário. Nesse movimento, o professor une a teoria e a prática em seu cotidiano, identificando novos métodos, estratégias, teorias e recursos para o seu fazer docente. Para isso, é necessário saber diagnosticar situações-problema, elaborar hipóteses, identificar referências teóricas e analisar dados.

Resumindo, o professor-pesquisador é aquele que adota a pesquisa como princípio científico e princípio educativo para si e seus alunos.

O Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II busca despertar em seus residentes o perfil de professor-pesquisador, por meio de um processo de co-formação no qual os residentes registram seu cotidiano em portfólios que servem de base para a pesquisa e o desenvolvimento de produtos educacionais que atendam a situações-problema identificadas em sua realidade.

RCC - Quais as maiores barreiras na condução da pesquisa como princípio educativo nos ambientes educacionais dos sistemas de ensino brasileiros? Quais seriam as formas de buscar a superação desses entraves?

Marcia Martins de Oliveira - As maiores barreiras parecem-me residir na formação docente, na longa jornada de trabalho, no pouco tempo de planejamento, na baixa remuneração e na falta de infraestrutura das escolas. Esses fatores se amalgamaram na Educação Brasileira e impedem qualquer evolução. O professor mal remunerado vê-se impelido a trabalhar em mais escolas tendo, conseqüentemente, uma jornada de trabalho extensa. Isso, por um lado, impede que ele invista tempo e dinheiro em formação continuada, e por outro limita seu tempo de preparação das aulas. Se além disso, ele atua em uma escola sem infraestrutura, fica muito difícil adotar qualquer estratégia fora daquela meramente reprodutiva do século passado.

Independentemente dos desafios, as barreiras na educação brasileira parecem-me ser sempre as mesmas: ausência de uma política de estado para formação inicial e continuada de profissionais da educação, precariedade da infraestrutura das escolas, remuneração incompatível com a formação e ausência de plano de carreira.

É bom lembrar que a escola reflete a sociedade que ela integra. Por isso, alcançar o padrão ouro da Educação em uma sociedade entrópica é uma quimera. Boas práticas educacionais demandam a convergência de esforços de várias naturezas, que ainda não reunimos. ■